

José Tolentino Mendonça

# O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas

«Para compreender os outros, precisamos mais  
de aprender os seus silêncios do que as suas palavras»

IVAN ILLICH, *Libertar o Futuro*

## Um banco de jardim

NÃO RARO AQUILO QUE NOS PARECE mais insignificante revela, para surpresa nossa, um interesse que primeiro não vimos. A paisagem do nosso quotidiano está cheia de coisas assim, coisas de que não nos damos conta no ritmo ofegante em que circulamos, mas para com as quais, quando caímos em nós, compreendemos que temos uma dívida.

Por exemplo, um banco de jardim. Sentados nele descansamos, escapamos por momentos do frenesim confuso, abrimo-nos ao silêncio e à contemplação ou simplesmente espreguiçamo-nos ao sol, de olhos fechados, a sentir o odor de um tempo reencontrado. Visto de um banco de jardim, o mundo parece ganhar uma fisionomia diferente. Abraçamos margens esquecidas da vida, escutamos zonas periféricas, mas necessárias, olhamos o colorido de outras vozes. E percebemos que a alegria se aproxima de nós como uma folha trazida pelo vento.

Um banco de jardim pode parecer um artefacto completamente dispensável. Contudo, ele representa bem todas essas coisas que nos ajudam a reorganizar não só o visível, mas também o nosso próprio modo de ver. À sua maneira, oferece-se como teatro para a construção de nós mesmos. Penso, por exemplo, nos bancos de jardim que Van Gogh pintou: alguns parecem uma continuação da natureza, outros parecem um barco ou um tapete voador.

## Eu sou uma pergunta

QUEM FEZ A PRIMEIRA PERGUNTA? Quem proferiu a primeira palavra? Quem chorou pela primeira vez? Porque é tão quente o Sol? Porque se morre? Porque se ama? Porque há o som e o silêncio? Porque há o tempo? Porque há o espaço e o infinito? Porque existo eu? Porque existes tu? — A escritora Clarice Lispector criou uma lista interminável só com perguntas assim. Há um momento em que percebemos que as perguntas nos deixam mais perto do sentido, da abertura do sentido, do que as respostas. Que as respostas são úteis, sim, que precisamos delas para continuar a viver, mas que a vida transforma as próprias respostas em perguntas. E não perguntamos necessariamente por nos termos enganado ou por considerarmos insuficiente a experiência que fazemos. A pergunta é a grafia da excedência com que a vida se manifesta.

«Eu sou uma pergunta», dizia Clarice. Mesmo se vivemos rodeados de perguntas, as mais preciosas são, porventura, aquelas que em silêncio nos acompanham desde o princípio, aquelas que se confundem com o que somos, como o espinho no troço da rosa ou como a rosa que, sem sabermos como, floresce no cimo improvável daquela sucessão de espinhos. Deveríamos dedicar mais tempo a escutar essas perguntas que pulsam no nosso interior, soterradas no atordoamento dos dias, omitidas pelo pragmatismo ou pelo medo, adiadas para um momento ideal que depois nunca é.

## Estou aqui à espera de nada

PORQUE RESISTIMOS TANTO A PARAR e a encontrar formas de repouso que nos devolvam a nós próprios? Por uma razão simples: o movimento parece-nos mais fácil de viver. Ele preenche o tempo, mantém-nos ocupados dentro dos seus círculos em vertigem, enquanto o repouso tantas vezes começa com a sensação de um esvaziamento, surpreendente, incómodo, duro de lidar. Por isso fugimos do repouso verdadeiro, em que o encontro connosco mesmos é inexcusável.

Ocorre amiúde a pessoas sobrecarregadas que decidem finalmente fazer um tempo de paragem ou de retiro. Não raro, a primeira experiência por que passam é o desejo de escapar dali, considerando que aquela pausa foi uma má opção, pois o que começam por sentir é um desamparo completo, como se estivessem, de repente, sozinhas a lutar com a sua noite.

Thomas Merton, um mestre que precisamos de redescobrir, escreveu: «O caminho da quietude não chega a ser sequer um caminho, e quem o segue não encontra coisa nenhuma.» Soa estranho, não soa? Aprender a repousar é também aprender a libertar-se do imediatismo das nossas expectativas e dos nossos desejos demasiado idealizados. Deus não tem expectativas. Repousar (e rezar, e viver...) é dizer no fundo do seu coração: «Estou aqui à espera de nada.»

## Um trabalho de depuração interior

É NECESSÁRIO DECIDIR ENTRE O AMOR ILUSÓRIO À VIDA, que nos faz adiar-la permanentemente, e o amor real, mesmo que ferido, com que a assumimos. Entre amar a vida pelo que dela se espera ou amá-la incondicionalmente pelo que ela é, muitas vezes em completa impotência, em pura perda, em irresolúvel carência. Condicionar o júbilo pela vida a uma felicidade sonhada é já renunciar a ele, porque a vida é decepcionante (não temamos a palavra). Com aquela profunda lucidez espiritual que, por vezes, só os homens frívolos atingem, Bernard Shaw dizia que na existência há duas catástrofes: a primeira, quando não vemos os nossos desejos realizarem-se; a segunda, quando eles se realizam completamente.

Há um trabalho a fazer para passar do apego narcisista da idealização à hospitalidade da vida como ela nos assoma, sem mentira e sem ilusão, o que requer de nós um amor muito mais rico e difícil. Esse é, em grande medida, um trabalho de luto, um caminho de depuração, sem renunciar à complexidade da própria existência, mas aceitando que não se pode demonstrá-la inteiramente.

A vida é o que permanece, apesar de tudo: a vida embaciada, minúscula, imprecisa e preciosa como nenhuma outra coisa. O tesouro é a vida em si: o real do viver, a existência não como trégua, mas como pacto, conhecido e aceite na sua fascinante e dolorosa totalidade.

## A imensidão que não se pode perder

PODE A MUITOS PARECER UM ENIGMA a forma como Emily Dickinson construiu o seu itinerário poético. Ela viveu praticamente numa reclusão voluntária, subtraída a uma previsível vida de contactos e públicas relações. Transformou a casa paterna, em Massachusetts, na sua fortaleza, onde podia inventar-se e reinventar-se livremente, segundo os seus próprios tempos e códigos de linguagem. O pequeno mundo doméstico tornou-se para ela um continente, um planeta brilhante, uma galáxia ou o inteiro universo. Isto é tanto mais curioso quanto na sua poesia transparece frequentemente o desejo da viagem. E o lema que adotou é este: «A imensidão não se pode perder», referindo, à maneira de um peregrino da inquietação, uma sucessão incansável de lugares aonde nunca foi — Paris, Nápoles, Veneza, a Suíça, Frankfurt e o Reno.

Emily Dickinson era sobretudo uma viajante imóvel no que dizia respeito ao mundo exterior. Pode dizer-se que procurou incessantemente a porta da alma, como todos aqueles que fazem da vida interior o centro da própria obra. Os seus versos continuam, por isso, a representar sobretudo um desafio ao recentramento. E eles dizem-nos: «Debaixo! Explora-te a ti mesmo! / Pois dentro de ti encontrarás / / o continente desconhecido.»



## Habitar a pergunta

PARA DETERMINADOS TEMAS, sobretudo os que se prendem com a construção da nossa humanidade, os séculos não são linhas que distanciam. Por uma razão fundamental: o ser humano que os antigos tinham diante dos olhos é exatamente o mesmo que vemos, que somos. Um filósofo, um poeta, um historiador de épocas recuadas pode ser um mestre pertinente do presente. É o caso de Plutarco, creio. Uma das coisas que ele recomenda é que não nos precipitemos a responder a uma pergunta assim que ela vem formulada. Ganhamos muito em esperar, prestando uma atenção vigilante ao que nos está a ser realmente dito e que facilmente nos escapa na audição inicial.

Escreve Plutarco: «É necessário habituar-se a fazer uma pergunta, a criar um intervalo entre a pergunta e a resposta, durante o qual aquele que interroga pode ainda acrescentar os elementos que quiser e ao interrogado é concedida a oportunidade de pensar o que responderá, a fim de não se arremessar sobre a questão e eclipsá-la.» Fazer um caminho interior com uma pergunta, ouvir ainda numa estação o que nos foi perguntado noutra, retardar a tentação de soterrar a pergunta na avalanche equívoca de sucessivas respostas que não são a resposta, constitui uma aprendizagem paciente. Quanto mais importante for a pergunta, mais tempo precisamos de habitá-la.

## Esta vida é o lugar de Deus

A ORAÇÃO TEM TAMBÉM A FORMA DE UMA PERGUNTA. Ela deixa-se habitar pelo espanto de existirmos perante Deus. O assombro do barro nas mãos do criador. Escutemos o Salmo 8: «Quando contemplo os céus, obra dos teus dedos, a Lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?» Para onde nos leva o vento destas inapagáveis perguntas?

Talvez a função da oração seja fazer-nos compreender a vida humana como possibilidade de Deus. Sim, esta vida que, tantas vezes, nos custa abraçar. Esta vida que é exaltante como uma interminável dança e ao mesmo tempo é lugar de quebra, contradição e dor. Esta vida misteriosa que se lança tão para lá de nós e parece que nos escapa. Esta vida, assim em trânsito entre direções opostas, é o alvo do olhar de Deus. Esta mesmo que construímos com esforço dia a dia, esta que se dá melhor a ver em gestos pequenos, em tarefas sem glória, no silábico minúsculo dos dias. Esta vida que não é apenas pura biologia, elementar facticidade, mas amor, intencionalidade, ética, arte, desejo, sonho e procura. Esta vida que se quantifica e mede, mas permanece indecifrável. Esta vida é o lugar de Deus.

## O que somos chamados a acolher

COMO UM FABRICANTE DE ARMADILHAS DESAJEITADO que acaba sempre prisioneiro das engrenagens que produz, também nós inventamos o tempo e nunca temos tempo. Os nossos relógios nunca dormem. E quantas vezes o tempo é a nossa desculpa para desinvestir na vida, para perpetuar o desencontro que mantemos com ela? Como não temos diante de nós os séculos, renunciamos à audácia de viver plenamente o breve instante. Nesse sentido, o consumo desenfreado não é senão uma bolsa de compensações. As coisas que compulsivamente adquirimos são, obviamente, mais do que coisas: são promessas que nos acenam, são protestos impotentes por uma existência que não nos satisfaz, são ficções do nosso teatro interno, são uma corrida contra o tempo. Mas continuamos a achar que temos tudo controlado.

Teremos, em algum momento do caminho, de recuperar a sensibilidade à vida, à sua desconcertante simplicidade, ao seu canto indeciso, às suas travessias (e travessuras). Por vezes, gostaríamos que ela fosse mais redonda, mais linear, não tivesse aquele solavanco, aquela ferida, não tivesse passado por aquele estremezimento, não incluisse este contraste. Mas em nós coexiste o próprio contraste, e a atitude não é mudar aquilo que não podemos mudar, mas sim compreender que isso também é um dom, oportunidade que somos chamados a acolher.

## Esperar não é uma perda de tempo

DAMOS POR NÓS HIPERMODERNOS, polivalentes, aparelhados de tecnologia como uma central ambulante, multifuncionais mas sempre mais dependentes, perfeccionistas mas sempre insatisfeitos, vivendo as coisas sem poder refletir sobre elas, próximos da atividade extenuante e, no fundo, distantes da criação. Não temos tempo a perder. E, contudo, precisaríamos talvez de dizer a nós próprios, e uns aos outros, que esperar não é necessariamente uma perda de tempo. Muitas vezes é o contrário. É reconhecer o tempo necessário para ser; é tomar o tempo para si, como lugar de maturação, como história reencontrada; é perceber o tempo não apenas como enquadramento, mas como formulação em si mesma significativa.

Quem não aceitar, por exemplo, a impossibilidade de satisfação imediata de um desejo dificilmente saberá o que é um desejo (ou, pelo menos, o que é um grande desejo). Quem não esperar pelas sementes que lançar jamais provará a alegria de vê-las acenderem-se sobre a terra, como milagre que nos resgata.

## Reaprender o espanto

PRECISAMOS DE REENCONTRAR O ESPANTO. «Espanto» deriva do latino *expaventare*, que descreve a forte impressão originada por uma coisa inesperada e repentina. Se procurarmos sinónimos, encontraremos «assombro», «admiração», «surpresa». É o contacto (consciente, fulgurante, desarmado, rendido) com a vida maior do que nós, a vida em aberto, não predeterminada. No espanto, a nova e surpreendente expressão da vida prende a nossa atenção à maneira de um relâmpago, de um rasgão imprevisível. Não conseguimos encaixá-la no nosso quadro habitual, pois o seu carácter inédito torna inúteis todos os saberes.

Gosto muito da definição de espanto dada por Adorno: «Espanto é um longo e inocente olhar sobre o objeto.» É, de facto, um «olhar longo», e isso talvez explique porque consideramos hoje tão pouco o espanto, num tempo que nos programa para olhares breves, relances, observações fugidias e utilitárias, cada vez mais simplificadas. E é um «olhar inocente», isto é, aberto à revelação do próprio objeto, ao que ele pretende de nós e não ao que imediatamente pretendemos dele. O espanto obriga-nos a uma revisão do que sabemos de nós próprios e do mundo. Obriga-nos a recomeçar, como se fosse um nascer. O amor, o conhecimento, a poesia ou a santidade principiam com ele.